

## “NÃO VAMOS ANDAR COM ELE NÃO, VAI QUE ISSO AÍ É CONTAGIOSO”: SEXUALIDADE E DESIGUALDADE NA ESCOLA

Vivian Kallen Batista de Carvalho Reis <sup>1</sup>

### RESUMO

O contexto escolar é um espaço múltiplo, onde congrega uma pluralidade de sujeitos, bem como suas diferenças. Por vezes, essas diferenças se convertem em discriminações e preconceitos, desencadeando diversas problemáticas sociais. Esse trabalho visa demonstrar um recorte de uma pesquisa de dissertação, que teve como objetivo compreender os sentidos das práticas discursivas sobre gênero e sexualidade numa escola pública, no ensino médio, em Teresina, PI, com a finalidade de identificar a presença de discriminações por parte daqueles/as que integram a escola (discentes, docentes e gestão escolar) em relação aos discentes LGBT. A discussão teórica é ancorada em autores que versam sobre sexualidade Foucault (2017), bem como aqueles/as que dialogam com a escola e educação Louro (1997) e Miskolci (2014). A pesquisa é de abordagem qualitativa, com a realização de observações e entrevistas semiestruturadas com discentes da referida escola. Os resultados obtidos sinalizaram a presença de práticas discursivas que emanam preconceitos e violências em relação aos estudantes LGBT, onde são ridicularizados através do bullying e coagidos a conter afetos com seus/suas parceiros/as, a fim de conservar a imagem da escola. Além disso, foi possível identificar também diversas estratégias de resistência frente aos mecanismos de controle e normatização da sexualidade.

**Palavras-chave:** sexualidade, escola, desigualdades.

### INTRODUÇÃO

A escola é um lócus pluralizado e dinâmico, de socialização, sociabilidades e compartilhamentos entre os/as sujeitos/as, um espaço sociocultural nos de termos de Dayrell (1996), onde congrega uma diversidade de pessoas e as relações sociais estabelecidas entre elas. É uma instituição social importante para construção e exercício da cidadania, aludindo a uma ideia de harmonia e promoção de igualdade. Todavia, trata-se também de um contexto marcado por conflitos, violências e discriminações das mais diversas, o que faz pensar esse espaço como contraditório (MARTINS, 2013), na medida que reproduz preceitos e valores tradicionais, culminando em desigualdades, especialmente em relação ao gênero e a sexualidade.

Levando em consideração que a escola é uma instituição básica, conforme elucidada Bourdieu (2002), partícipe do processo de socialização e um espelho da sociedade, analisar as relações complexas circunscritas nesse âmbito significa refletir como os/as sujeitos/as

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, vivian-kallen@hotmail.com

corroboram com práticas que violam direitos elementares, tal como a condição de ser e vivenciar a sexualidade. Desse modo, discutir os eixos temáticos sobre gênero e sexualidade na interface com a educação tem grande relevância social, uma vez que permite compreender o contexto escolar na sua dimensão ampla, ao passo que possibilita visualizar como as sexualidades são vivenciadas nos intramuros da escola e, sobretudo, como os preconceitos, discriminações e desigualdades são manifestadas e (re)produzidas nesse espaço. Ao identificar tais problemáticas sociais que, muitas vezes transcendem os muros da escola, há a possibilidade de pensar e traçar estratégias para amenizar o quadro de desigualdades e contribuir na construção de uma sociedade mais justa.

O trabalho aqui apresentado é um recorte da minha pesquisa de dissertação, cujo objetivo pautou em compreender os sentidos das práticas discursivas referente a gênero e sexualidade<sup>2</sup>, com a finalidade de identificar como as opressões, discriminações e violências são (re)produzidas pelos/as sujeito/as que vivenciam a escola, de modo a pensar esse lócus na sua integralidade, incluindo discentes, docentes e o corpo funcional<sup>3</sup>. A pesquisa foi operacionalizada numa escola, de rede pública, de ensino médio, em Teresina-PI, através de observações e entrevistas junto aos estudantes, o que possibilitou visualizar como o cotidiano da referida escola é carregado por práticas que subalternizam e marginalizam o público LGBT.

Os resultados apontaram para um cenário onde há a presença de diversos mecanismos de controle e disciplinamento da sexualidade (FOUCAULT, 2017), pois ao tempo que corrompem o que transcende a heteronorma, promovem um retorno para a mesma, uma espécie de pedagogia da sexualidade (LOURO, 2007) como alternativa para ser aceito/a pelos demais. As falas, os gestos, as práticas e as simbologias carregam um teor fortemente discriminatório em relação aos discentes LGBT, uma vez que são rechaçados e/ou humilhados pelo bullying, muitas vezes encoberto como “brincadeiras” por aqueles que praticam a violência; os relacionamentos homoafetivos e/ou qualquer manifestação de afeto entre pessoas do mesmo gênero são vigiados e, conseqüentemente, coagidos, com a justificativa de preservar uma boa imagem da escola. Além disso, foi possível perceber também diversas estratégias de resistência frente às práticas que marginalizam discentes

---

<sup>2</sup> O trabalho tem uma dimensão mais ampla, de modo que optou-se também por fazer referência às práticas discursivas referente às mulheres, bem como as violências e discriminações que as alunas sofrem pela condição de serem mulheres. Neste artigo optou-se por destacar um recorte da dissertação, ou seja, aqui será apresentado as práticas discursivas referente aos discentes LGBT.

<sup>3</sup> A operacionalização desta pesquisa foi realizada mediante o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –CAPES.

LGBT, já que enfrentam e criticam determinadas imposições e a tentativa de subordinação e inferiorização.

## PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa realizada tem abordagem qualitativa, considerando não só o lócus de investigação, mas também os/as sujeitos/as de pesquisa, carregados por subjetividades que lhe são próprias. Essa abordagem permitiu um olhar e o contato mais próximo com o campo e com os/as corparticipantes, ao tempo que possibilitou para esta pesquisadora perceber uma dimensão do espaço, das interações e da diversidade de sujeitos/as (YIN, 2016). Assim, através da abordagem qualitativa, captou-se um universo marcado por significados, valores, crenças, subjetividades e a heterogeneidade dos/as sujeitos/as que estão inseridos/as na escola (MINAYO, 2009).

O lócus escolhido para realização da pesquisa foi uma escola da rede pública e de tempo integral, localizada em Teresina-PI. A particularidade desse sistema de ensino integral propiciou apreender uma realidade efetiva das pessoas que coabitam a escola em questão, já que as interações entre discentes, professores/as, diretora, coordenação e demais funcionários/as ocorrem durante um turno estendido, de modo que as atividades tem início pela manhã e término ao final da tarde.

A pesquisa de campo perdurou aproximadamente 4 meses (entre os meses de maio a novembro de 2018)<sup>4</sup>, através de visitas semanais na escola. Durante esse período algumas técnicas se fizeram presente, tais como a observação e as entrevistas semiestruturadas. As observações foram de grande relevância, uma vez que pude atestar esse espaço por meio de “uma teia de significados” ao modo de Geertz (2008), e a partir disso, analisar e interpretar melhor a escola, as interações entre os/as sujeitos/as, comprovar algumas narrativas proferidas pelos/as discentes, visualizar as simbologias e escrituras expostas nas paredes da escola e olhar cuidadosamente para os/as meus/minhas interlocutores/as (discentes), através de expressões manifestadas através do corpo durante a realização das entrevistas, muitas vezes carregadas de inquiteações, contestações, tristeza, receios, medo e também de enfrentamentos.

Outra técnica utilizada para coleta dos dados foi a entrevista, precisamente a entrevista semiestruturada, que exigiu um roteiro pré-estabelecido com perguntas referente ao cotidiano da escola e às práticas que perpassam os/as sujeitos/as que compartilham esse espaço. As

---

<sup>4</sup> O intervalo de tempo entre os meses de maio a novembro se deu devido a greve que ocorreu na escola no referido ano, o que inviabilizou durante os meses de junho a setembro a realização de entrevistas e as visitas na escola.

entrevistas foram realizadas com 9 (nove) discentes do ensino médio (2º e 3º ano), maiores de 18 anos, dentre eles/as alunos/as heterossexuais e LGBT, no intento de abranger um olhar heterogêneo para o entorno da escola. As questões do referido roteiro de perguntas englobavam desde um perfil pessoal (idade, gênero, orientação sexual, estado civil, cor/raça/etnia, religião, nível de escolaridade, tempo na escola, trabalho), de maneira que pudesse compreender melhor o/a entrevistado/a, desde as questões mais específicas sobre violências e discriminações praticadas em relação aos estudantes LGBT da escola. Para realização das entrevistas se fez necessário o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para assegurar tanto a pesquisadora, como os/as sujeitos/as da pesquisa.

O tratamento analítico dos dados se deu através da produção de sentido das práticas discursivas (SPINK, 1996), o que possibilitou perceber através da linguagem que essas práticas estão interligadas por meio de ações situadas, pela perspectiva de cada sujeito/a e suas interações (SPINK, 2013). Assim, os dados foram sistematizados a partir de eixos temáticos presentes nas falas e levando em consideração as categorias elecandas. Além disso, é importante dizer que para garantir a cientificidade do estudo, o mesmo passou pelo Comitê de Ética em pesquisa, da UFPI, onde a pesquisa de campo teve início somente mediante a aprovação do projeto de pesquisa no referido comitê.

## **DISCUTINDO SEXUALIDADE, OPRESSÕES E DESIGUALDADES**

Diversos mecanismos de controle e disciplinamento da sexualidade se fazem presente na sociedade. Esses mecanismos, muitas vezes, configuram em violências físicas, simbólicas e corroboram para a reprodução de desigualdades em termos de exercício da sexualidade em diversas esferas sociais. Como menciona Prado & Machado (2012), é possível atestar uma hierarquização da sexualidade, onde as práticas afetivo-sexuais que transgridem a heterossexualidade são subalternizadas, patologizadas e alocadas numa condição de marginalização, ao tempo que sofrem represálias para atender uma “normalização”, típica de práticas mais conservadoras e tradicionais.

A subversão de determinadas imposições sociais, adquiridas por intermédio de um longo processo de socialização, ainda acarreta consequências danosas para o público LGBT, seja através das violências simbólicas cotidianas até aquelas mais agravantes que culminam em morte. Publicizar e manifestar os afetos entre LGBT, bem como as condições de ser/estar no mundo ainda é, segundo Mello (2005), uma tríplice que integra privação, opressão e

discriminação, já que as punições e coerções buscam em toda medida, corrigir e normalizar o que é considerado excêntrico, anormal e abjeto (LOURO, 2003; BUTLER, 2016).

Um dos desafios talvez, seja conceber a sexualidade para além de uma ótica estritamente biológica e parte de um processo histórico e social, e como tal, ganha dimensões social e política, conforme rememora Simões (2009). Todavia, romper com uma visão binária do gênero e da heterossexualidade enquanto único modelo de exercício da sexualidade tem uma projeção limitada na sociedade, nos/as sujeitos/as e nas instituições sociais, especialmente no contexto escolar, notoriamente norteados por valores, crenças e práticas que regulam, normatizam e disciplinam aqueles/as que buscam outras formas de experienciar o gênero e viver a sexualidade (FOUCAULT, 2017; MISKOLCI, 2014; LOURO, 2007).

Entende-se, portanto, a escola como um campo em conformidade com Bourdieu (1989), considerando ser esse lócus uma estrutura social permeada por interações e conflitos, na medida que é configurada por um conjunto de regras e preceitos responsáveis por moldar o comportamento dos/as sujeitos/as. É nesse espaço, mediado por práticas diversas, onde pode-se constatar uma escolarização dos corpos e das mentes, através de marcas distintivas, ou mesmo atestar uma pedagogia da sexualidade, pois segundo Louro (2007), há uma forte introjeção de comportamentos idealizados e ansiados para ser plenamente aceito pela sociedade. Nesse sentido, conforme acrescenta Louro (2007, p. 30)

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo o indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação a sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 2007, p. 30).

Observa-se então uma tentativa de silenciamento e ocultamento de um tema que diz respeito a uma realidade concreta daqueles/as jovens que compartilham o ambiente escolar, ao tempo que desconsidera a pluralidade e diferenças contidas nesse espaço. Esse negligenciamento pode ser um facilitador para perpetuação de práticas que promovam as desigualdades, o bullying e a homofobia, ainda tão presentes nos contextos escolares<sup>5</sup>. Desconsiderar isso significa acentuar uma problemática social que, por vezes, ecoa para além da escola e tem extensão em toda sociedade, corroborando para a permanência de uma

---

<sup>5</sup> Um estudo realizado no Brasil, referente aos contextos escolares, comprovou que aproximadamente 73% de jovens gays, lésbicas, bissexuais e trans já sofreram alguma violência na escola, desde aquelas que envolvem insultos por meio de xingamentos e chacotas até aquelas que fazem uso da violência física.

estrutura hierárquica, heteronormativa e fortemente violenta para aqueles/as que subvertem as imposições sociais.

## DESCORTINANDO AS (DES)IGUALDADES NO ESPAÇO ESCOLAR

Os resultados da pesquisa evidenciaram um cenário marcado por práticas que desigualam, marginalizam e invalidam até mesmo a existência de discentes LGBT que estudam na escola que serviu de lócus para o estudo. Essas práticas não estão restritas somente a um segmento da escola, uma vez que advém dos/as demais discentes, docentes, coordenadora e diretora. As situações narradas se reportam a acontecimentos do dia a dia e permite pensar em que medida a instituição escolar reproduz violências e projeta desigualdades no que tange as questões atreladas a sexualidade.

De modo geral, os resultados obtidos tiveram como referência o que Bourdieu (2002) chamou de mudanças e permanências, pois ao tempo que há reprodução de determinados paradigmas excludentes e discriminatórios, há também rupturas através das resistências frente aos ataques e a condição de subordinação. Assim, considerou-se essas estratégias brechas importantes para provocar mudanças gradativas e, assim, romper com uma estrutura fortemente androcêntrica e guiada pela heterossexualidade enquanto norma.

Nas situações elencadas por Tina e Juca é possível visualizar como a gestão da escola (coordenação e direção) se porta frente as relações lesbo e homoafetivas. Na primeira ocorrência a discriminação se apresenta de uma forma mais contida, quando a diretora aponta outros espaços (fora da escola) para Juca se relacionar com seu namorado, todavia, ao fazer menção aos relacionamentos entre casais heterossexuais, Juca relata que não há nenhuma forma de impedimento ou advertência. A justificativa atribuída pela diretora ao afirmar a necessidade de “preservar a imagem da escola” quando faz referência ao relacionamento homoafetivo, possivelmente está associando este a uma prática abominável, errônea e perversa, enquanto o relacionamento entre casais heterossexuais são aceitáveis e naturalizados ((LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016; BUTLER, 2016).

No caso apresentado por Tina o preconceito é bastante nítido, uma vez que narra uma situação desgastante com a coordenadora da escola devido ao relacionamento que Tina estabelece com outra discente, onde são impedidas de manifestarem qualquer expressão de afeto nesse recinto. Percebe-se aqui o que Foucault (2017) classifica de um panóptico, uma vigilância constante até mesmo através das câmeras, onde ao tempo que vigia, corrige o que desvia da norma. Mesmo diante de uma relação hierárquica entre direção e coordenação, há o

enfrentamento por parte de Tina, onde não se intimida e busca resolutividade para o constrangimento sofrido.

A diretora e a vice diretora me chamaram pra conversar, dizendo que era pra mim continuar, que me dava apoio, essas coisas, mas que não era tipo pra ter relação aqui no colégio, tipo pra também preservar a imagem do colégio... tipo, assim, o colégio ficar reconhecido: „armaria aquele colégio só forma casal lgbt, acho que por causa disso [...]. Aqui no colégio tem casal gay e tem um casal lésbico também, que é do terceiro ano, daí casal hétero eles não falam nada, mas com casal lgbt eles falam. Com casal hétero tá tudo bem. Chamaram nós dois que era pra nós namorar, era, mas não ter relação no colégio, que era pra gente preservar também nossa imagem (Juca, 18).

[...] Aqui na escola algumas pessoas têm muito preconceito, alunos, professores eu não sei, mas funcionários sim, que trabalham aqui na escola, a própria que abriu aqui (coordenadora), ano passado eu tive meio que uma intriga com ela, por conta que ela tava, pelas coisas que ela tava fazendo, eu e a (namorada) tava vendo que ela tava com um certo preconceito entre eu e ela, por conta que ela tava chamando muito a minha atenção e a da (namorada) na diretoria, porque a gente não podia andar abraçada, uma vez, tem uma gradezinha bem ali, na porta, só porque eu botei minha mão bem assim e (namorada) tava aqui e eu tava na frente dela, só porque eu botei minha mão entre a da (namorada) e fiquei olhando pra ela, pois ela (coordenadora) foi dizer lá pra diretora que eu tava beijando a menina [...] aí quando eu cheguei, eu chamei a coordenadora e disse pra ela o que tava acontecendo [...] aí a (namorada) tava chorando e disse que achava que ela tava com preconceito porque ela tava só pegando no meu pé, olhando nas câmeras direto, e tavam mentindo, porque já tavam inventando história e eu disse pra ela: é certo que a gente já se beijou na escola, mas não como ela vive falando aqui dentro da diretoria e nem como ela faz o povo pensar dentro da diretoria e aí a gente pegou e a diretora tomou providência e conversou com ela, e hoje em dia ela não fala muito mais comigo, assim o básico [...] (Tina, 19).

Já na descrição de Juca abaixo, percebe-se uma espécie de ridicularização, advinda de outros/as discentes. Aqui, ao ser colocado numa condição de inferioridade e humilhado pela condição de namorar uma pessoa do mesmo gênero, além de sofrer uma coerção validando a heteronormatividade como prática aceitável, Juca se coloca defendendo sua orientação sexual e suas “escolhas”, ao tempo que elenca outras questões consideradas por ele práticas prejudiciais e inaceitáveis. Assim como Tina na situação anterior, Juca utilizou as estratégias de enfrentamento frente aos seus colegas, demonstrando que apesar do peso da estrutura inferir por intermédio dos preconceitos, há também através dos mecanismos de defesa, a tentativa de desconstruir, romper e mudar com essa realidade desigual no tocante a sexualidade.

[...] eles falavam: “ave maria! isso é feio, bicho! Isso é feio namorar com homem”, aí eu pegava e falava: não, o feio é eu tá lá fora vendendo droga, assaltando, matando, mas aqui dentro isso não é feio [...] mas depois foi normal, reagiram normal. Só foram esses mesmo, dizendo que era feio, que era pra mim escolher uma mulher, que era pra ser hétero, e eu dizia: não! Eu vou escolher o que eu quiser, se eu escolhi ser assim, eu vou ser assim! (Juca, 18).

O caso narrado por Malu, fazendo referência aos docentes, demonstra a manifestação de repulsa através da expressão corporal, onde as feições de espanto, nojo e aversão se fazem evidente ao visualizarem duas garotas se abraçando no corredor da escola. Tais expressões, assim como as palavras, projetam significados, notoriamente alocando-as como seres desprezíveis e também, assim como nas demais ocorrências narradas, numa condição de abjeção e marginalização (LOURO, 2016; BUTLER, 2016). No mesmo sentido se encaminha o relato de Tati, aqui o agravante se dá mediante ao desejo de aniquilar pela via simbólica a existência da aluna pelo fato de ser lésbica, fazendo alusão a atitudes drásticas para demonstrar sua aversão às práticas que destoam de um padrão concebido socialmente da sexualidade.

Tipo caras e bocas, porque geralmente eles veem assim e já ficam com aquela cara assim meia assustada, meio de rejeição, eu já vi aqui situações dessa, eles não falam pra gente escutar, pode ser que eles falam na sala dos professores, né?! [...] É em sala de aula, corredores, com relação a alunos lgbs, eu já vi, tipo, com cara de nojo, porque uma das meninas namora uma menina de uma outra sala, a que é lgbt namora com uma menina de outra sala e quando elas ficam abraçadas nos corredores, os professores passam com olhar de espanto, eu já vi esse tipo de coisa [...] (Malu, 19).

Tipo uma menina aqui da escola, ela se sente homem, aí ela é mulher, ela beija a menina aqui na escola, na boca, aí eu vejo essas coisas, mas, tipo, não tenho nenhum preconceito, né, se as pessoas quiser ser feliz, que seja feliz! Aí as opiniões delas (alunos e alunas) são bem diferentes, falam assim: Eca, que nojo! Sapatoná, deve ser queimada! Que a pessoa deve morrer, deve apanhar, deve ser morta queimada (Tati, 18).

Por fim, tem-se um exemplo que ilustra como o bullying aparece velado por meio de “brincadeiras” e piadas rotineiras. A fala de Kadu revela vários momentos compartilhados com outros colegas (heterossexuais), onde comumente se utilizam de mecanismos demarcadores da diferenças e reforçam práticas excludentes quando do uso do termo “não vamos andar com ele não” e “vai que é contagioso”, configurando em constrangimentos e humilhações, em conformidade com Louro (1997; 2003; 2007; 2016) e Miskolci (2012; 2014). Kadu tenta repreender os colegas, todavia acaba também levando na “esportiva”, atenuando a situação através do sorriso.

[...] já ouvi falar demais, às vezes falam tipo “fulano gosta disso e disso, não vamos andar com ele não, vai que isso aí é contagioso”, tipo isso, entendeu?! Piadinha sem graça, era da escola mesmo, brincadeirinha sem graça. Eu falei que não foi legal essa brincadeira, eles levaram na esportiva, na brincadeira, eu fiquei sorrindo (Kadu, 18).

As situações elencadas retratam parte das relações desarmônicas, conflituosas e desiguais quando se trata da sexualidade e a manifestação da mesma na escola analisada. A

partir das falas, é possível constatar que as práticas perpassam todos os segmentos que integram a escola, desde os/as discentes até a gestão da escola. Apesar desse cenário marcadamente desigual, as resistências por parte de discentes LGBT acometidos pelas violências estão presentes através de mecanismos de resistência e sobrevivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar e interpretar o contexto da escola requer um olhar refinado para esse contexto e para os/as sujeitos/as que lá vivenciam uma parte importante de suas vidas. Imergir nesse universo significa adentrar numa esfera social que, muitas vezes, reflete em outros espaços de socialização e sociabilidade, bem como demonstrar que, assim como na sociedade civil, há violações de direitos elementares e de liberdade de expressão, ecoando em disparidades, injustiças e opressões diversas.

Dado o contexto encontrado, onde as práticas discursivas reproduzem uma série de violências, preconceitos e desigualdades, é importante traçar possibilidades de combate frente às intolerâncias propagadas que atuam enquanto mecanismos de controle, normalização e imposição de preceitos socialmente estabelecidos, bem como se faz necessário outras pesquisas que façam conexão com a educação e com as práticas escolares. Com isso, talvez seja relevante pensar alternativas voltadas para as políticas públicas educacionais, a fim de visibilizar e abranger temas que perpassam as violências de gênero em diálogo com a sexualidade, de modo que possa haver uma desconstrução de noções ainda fortemente guiadas pelo viés biológico e naturalizado, e reconstruir por meio de concepções que permitam pensar a partir do histórico e social. Para isso, acredita-se que seja necessário um olhar para a formação e capacitação de professores/as, de forma que possam também desmistificar visões essencialistas e colaborar na promoção de igualdades frente a uma grande demanda de sujeitos/as múltiplos e plurais.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sociocultural*. In: \_\_\_\_ (org) **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1966.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade do saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ed. 13 reimpr. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernado Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1º ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”*. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1997.

\_\_\_\_. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org) *O corpo educado*. 2ª ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2ª ed; 3 reim. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_. *Discriminação, silêncio, segredo: a violência escondida*. In: ROCHA, Marcos Antônio Monte (org.). **Gênero, sexualidades e discriminação**. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2016.

MARTINS, João Batista. **A escola pública como um espaço sócio-cultural**. *Ensino em Revista*, v. 20, n. 1, jan/jun 2013.

MELLO, Luiz. **Novas Famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2ª ed. Rev e ampl. Belo Horizonte: Autêntica editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

\_\_\_\_. **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis. A Sexualidade como questão social e política. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque; SZWAKO, José Eduardo (orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

SPINK, Mary Jane Paris. O discurso como produção de sentido. In: C. NascimentoSchule (org.). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. 1º ed. Florianópolis: UFSC, 1996, v. 1, p. 37-46.

\_\_\_\_\_. MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano. In: SPINK; Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2013.

YIN, ROBERT K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Trad: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.